



ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ÍNDICE DA POPULAÇÃO SEM COLETA DE ESGOTO, AS DOENÇAS E OS ÓBITOS POR VEICULAÇÃO HÍDRICA NO BRASIL, DE 2014 A 2022

MARIA CELESTE FUJITA RIBEIRO; ANA CLÁUDIA SOUZA BARRAL; MARIA CLARA SOUZA DUARTE; MAURO LÚCIO CAMARGOS BARBOSA JÚNIOR; THAIS DA ROSA VALLI

Introdução: As doenças de veiculação hídrica, resultantes da contaminação da água por microrganismos infecciosos, permanecem como uma importante pauta de saúde pública no país. Nesse sentido, as principais enfermidades do grupo, amebíase, febre tifoide e paratifoide, gastroenterite e hepatites infecciosas figuram como causas de grande impacto na morbidade e mortalidade da população, o que demonstra a imprescindibilidade da universalização do acesso à coleta de esgoto. **Objetivo:** Avaliar as estatísticas da população sem coleta de esgoto, relacioná-la com o número de internações por doenças de veiculação hídrica e analisar os óbitos decorrentes das enfermidades. **Metodologia:** Estudo ecológico com base em dados secundários extraídos do Painel do Saneamento, em Junho de 2024. As informações foram filtradas a partir dos indicadores "Brasil", "Parcela da população sem coleta de esgoto", "Internações por veiculação hídrica" e "Óbitos". **Resultados:** Após a análise dos dados, observou-se a ocorrência de 2.332.309 internações por doenças de veiculação hídrica no período. O maior número de casos ocorreu no ano de 2014, com 368.871 internações (15,82% do total) e o menor, em 2021, com 143.578 (6,16%). Tal indicador pode ser relacionado com a porcentagem da população sem acesso à coleta de esgoto, já que o pior índice também ocorreu em 2014, em que 50,1% não possuía acesso à coleta. De forma análoga, o melhor índice ocorreu em 2021, no qual a porcentagem foi de 44,2%. Com relação aos óbitos, ocorreram 20.469, sendo que o maior número se deu em 2019 com 2.734 (13,36%), e o menor em 2021 com 1.660 (8,11%). Não foi possível inferir uma relação proporcional entre o número de internações e de mortes a partir dessa análise. **Conclusão:** Diante do exposto, estabelece-se a interligação entre o aumento no acesso à coleta de esgoto e a redução do número de internações. Há, portanto, a imprescindibilidade da universalização do saneamento básico como uma medida de promoção da saúde pública. A respeito dos óbitos, a não correlação entre os dados demonstra a desigualdade quanto ao tratamento das enfermidades, uma vez que menores internações não são acompanhadas por uma redução do número de mortes.

Palavras-chave: DOENÇAS TRANSMITIDAS PELA ÁGUA; ESTATÍSTICA; SANEAMENTO; SAÚDE PÚBLICA; EPIDEMIOLOGIA